



INCLUSÃO EDUCACIONAL UMA FERRAMENTA PARA A SOCIALIZAÇÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTÍSTA

ODALYS YNERARITY CASTRO; FABIO PERBONI; DELFIN SANCHEZ; SILVIA VILLEGAS RODRIGUEZ; MARIA HERNANDEZ CARBALLÉ;

RESUMO

A inclusão educacional de alunos com Transtornos do Espectro Autista (TEA) torna-se o tema central desta pesquisa, como elo fundamental para alcançar o seu desenvolvimento social, a partir do contexto de sala de aula, de modo a garantir não só a aquisição de conhecimentos, mas também o desenvolvimento de atitudes, valores e sentimentos e consequentemente a sua inclusão social, com maior qualidade de vida. O estudo aborda a questão da socialização dos estudantes autistas nas universidades, destacando a importância de promover a inclusão e integração do público no ambiente acadêmico. Além disso, apresenta um panorama das dificuldades enfrentadas pelos estudantes autistas e destaca a necessidade de estratégias eficazes para promover a socialização e o desenvolvimento acadêmico e pessoal dos estudantes no contexto universitário. , tem como objetivo avaliar o panorama geral do processo de inclusão socioeducativa que se realiza no contexto universitário, para sua socialização, em resposta ao Sistema Educacional Brasileiro para garantir o direito à educação de jovens com necessidades educacionais especiais. vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas de Políticas Educacionais e Formação de Professores da Linha de Pesquisa Formação de Professores e Práticas Educacionais e integra o projeto “Acessibilidade e inclusão socioeducativa de estudantes com deficiência no Ensino Superior do Programa de Pós-Graduação em Educação (GEPPEF) da Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Para analisar o problema foram aplicados métodos científicos de análise-síntese, histórico-lógico, dedução-indução e análise documental. Em síntese, o trabalho oferece considerações a serem levadas em conta pelo professor, numa perspectiva inclusiva, para atuar em diferentes espaços e contextos a partir da docência, numa perspectiva de socialização inclusiva. O resultado alcançado está enquadrado na proposta de considerações teórico-práticas, para alcançar a socialização, como garantia dos direitos fundamentais dos alunos que têm TEA, potencializando a sua inclusão social, e consequentemente a sua qualidade de vida.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro do Autismo. Inclusão. Socialização. Educação Superior.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão de estudantes com diagnóstico Autistas na Educação Superior tem se tornado um tema de grande relevância na sociedade atual, uma vez que a diversidade e a igualdade de oportunidades têm sido cada vez mais valorizadas. Nesse sentido, este trabalho visa aprofundar a discussão sobre as estratégias de inclusão desses estudantes e sua socialização, considerando suas necessidades específicas e os desafios enfrentados no contexto acadêmico. (Ynerarity *et al.*, 2018).

Nessa perspectiva, a busca de soluções para o problema da socialização das pessoas com diagnóstico de Autismo tem sido objetivo de diversos pesquisadores em todo o mundo ao longo dos anos, Alves (2005); Díez-Cuervo (2005); Camargo e Boza (2009); García-Peñas (2013), American Psychiatric Association (2013), Ynerarity (2018) e outros. Hoje, confirmam-se conquistas incalculáveis; porém, para seu avanço são investidos recursos em pesquisas de diversas ciências interdisciplinares, Psicologia, Neurofisiologia, Neurociências, Sociologia, Pedagogia e muitas outras ciências têm dado contribuições significativas neste campo que a cada dia envolve um número maior de crianças, jovens e adolescentes. (Ynerarity *et al.*, 2018).

Nesse sentido, o contexto da inclusão de estudantes autistas na Educação Superior é marcado pela necessidade de garantir o acesso igualitário a todos, independentemente de suas diferenças. Justifica-se a abordagem desse tema pela importância de promover ambientes acadêmicos mais inclusivos e preparados para acolher a diversidade. Além disso, sua discussão contribui para o desenvolvimento de práticas educacionais mais inclusivas e para uma maior conscientização sobre o autismo na sociedade, seu estudo, compreensão e atenção são considerados importantes, pois causa sérios danos a quem a sofre e a seus responsáveis, tornando necessária a aplicação de formas inovadoras que garantam a formação do novos gerações, incluindo pessoas com este diagnóstico. (García-Peñas *et al.*, 2012)

No caso mais específico da universidade, na Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais, realizada na cidade de Salamanca em 1994, foi feita a seguinte afirmação:

[...] exortar os governos a estabelecerem estratégias para o desenvolvimento de centros de ensino preparados para responder às diversas necessidades dos alunos com deficiência, respeitando o direito do aluno de escolher entre diferentes tipos de centros educacionais ou serviços educacionais especializados. Garantir que a concepção dos planos e programas de ensino inclua o desenvolvimento e a utilização pedagógica permanente de meios e materiais educativos para a diversidade e que a colaboração necessária seja integrada. [...] (p.34)

Dessa maneira, a inclusão de estudantes com Autismo nas universidades no Brasil ainda é bastante limitada. Provavelmente o principal problema é a formação insuficiente do corpo docente e do pessoal de apoio ao nível universitário para poder responder às necessidades destes estudantes. A inclusão é abordada na Declaração Mundial sobre Educação para Todos em 1990, promovida pela ONU, enfatizando a descrição da abordagem inclusiva e promovendo a integração de abordagens inclusivas na utilização e desenvolvimento de recursos apropriados para atender aos vários objetivos de aprendizagem e às necessidades de todos os membros. (ONU, 2008)

Assim, os orçamentos emitidos na Declaração de Salamanca, registrados mundialmente, aumentam a necessidade de os professores reconhecerem as diferentes necessidades destes alunos e satisfazê-las; adaptar-se aos seus diferentes estilos e ritmos de aprendizagem e garantir uma educação de qualidade através de um currículo adequado, uma boa organização, uma utilização cuidadosa dos recursos e uma relação estreita com suas comunidades de forma a permitir a sua plena inclusão na sociedade. (UNESCO, 2008)

Consequentemente, não no Brasil, grande parte da legislação respeitou as recomendações dos documentos produzidos pela Assembleia Geral das Nações Unidas. Nesse sentido, o artigo 208 está incluído em sua Constituição, no capítulo III, Da Educação, Cultura e Esportes, que, em referência à educação especial, declara que o Estado e a educação devem prestar atendimento educacional especializado às pessoas com deficiência. Da mesma forma, a Lei Nacional de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 12.764, que inclui o autismo na definição legal de deficiência e assegura os direitos das pessoas incluídas no espectro do

autismo, assegura os direitos das pessoas incluídas, como pessoa deficiente e regulamenta as políticas e propostas educacionais, determinando as ações dos serviços públicos e privados e as formas de atendimento. (Brasil,2010).

Contudo, a experiência prática, desenvolvida em vários centros educacionais regulares y privados que atendem alunos com necessidades especiais se evidencia que os professores têm poucas ferramentas educacionais para garantir atenção especializada às pessoas com deficiência de uma maneira que permita sua inclusão na sociedade, da mesma forma, em relação aos alunos com diagnóstico de TEA, os professores responsáveis pela sua formação demonstram poucas competências para a implementação de estratégias que permitam o desenvolvimento da socialização desses alunos.(Ynerarity *et al.*, 2018).

Nesse sentido, a compreensão teórica do transtorno do espectro do autismo constitui um desafio científico de extraordinária magnitude para garantir o bem-estar integral daqueles que apresentam essa condição de vida, em que a socialização é caracterizada pelo desenvolvimento insuficiente de sua competência comunicativa. (Alves, 2017),

Atualmente, já são inúmeras as universidades que criaram programas específicos de integração e apoio nacionais e internacionais para estes jovens. Já existem universidades comuns que optaram por estes estudantes, convencidas das possibilidades cognitivas que apresentam e, portanto, do que podem contribuir para a comunidade. O presente estudo tem como objetivo avaliar diversas estratégias que possam melhorar a qualidade de vida de alunos com autismo, por meio de um modelo integrativo. Estudar o seu estado emocional e comportamental no ambiente universitário, estabelecer algumas orientações eficazes que proporcionem a estes alunos o melhor ajustamento possível, dar a conhecer a situação deste grupo no nosso país em comparação com outros países e propor linhas futuras. Isto contribuiria tanto para o avanço dos critérios de apoio a estas pessoas, como para a compreensão da mudança de papéis entre o próprio aluno, a sua família e a universidade e para o estabelecimento de estratégias universitárias que tendam à sua plena inclusão. . (Ynerarity *et al.*, 2024).

A maioria dos estudos realizados até o momento, em nosso meio, giraram em torno do déficit de habilidades sociais apresentados por crianças portadoras (TEA) ou da deterioração dessas habilidades que ocorre com o passar do tempo após a conclusão do curso. universidade ou estágio de treinamento. Até onde sabemos, não foram realizados estudos que avaliem a eficácia de recursos específicos direcionados a estudantes universitários com autismo. Especialmente, nenhum estudo foi realizado com pessoas com autismo com alto desempenho intelectual e/ou alto nível de ajustamento pessoal ou social. (Ynerarity *et al.*, 2024).

É por isso que a importância de pesquisar esse tema foi justificada por ser um tema de grande interesse para a educação em todo o mundo, no Brasil e no contexto do Programa de Pós-Graduação em Educação (GEPPEF) da Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). MS. Embora existam vários estudos, pesquisas e produções científicas sobre TEA, as ações que favoreçam a socialização, são insuficientes; suas considerações não contextualizam seu uso, de forma que constitua uma ferramenta para que favoreça o desenvolvimento das habilidades de comunicação, como uma forma de garantir a sua socialização, igualdade de oportunidades e qualidade de vida.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia adotada no estudo envolve a utilização de métodos qualitativos para coleta e análise de dados, métodos como análise e síntese e indução e dedução e análise documental para compreender as práticas de socialização adotadas pela instituição e as percepções dos estudantes autistas. A escolha por essa abordagem metodológica se justifica pela necessidade de compreender em profundidade as experiências e contextos envolvidos na socialização desses estudantes na universidade, além do, análise documental. Inicialmente foi

realizada uma revisão bibliográfica que nos permitiu tomar posicionamentos sobre aspectos e considerações teóricas que sustentam o processo de socialização e a observação dos professores responsáveis pelo atendimento aos alunos com Autismo.

A contextualização do estudo situa a problemática da socialização de estudantes autistas no contexto da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), evidenciando as particularidades e desafios enfrentados por esse público nessa instituição de ensino. Destaca-se a importância de compreender o contexto específico da UFGD para a implementação de estratégias efetivas de socialização e inclusão de estudantes autistas. Dessa forma, o estudo permite aprofundar particularidades que não podem ser medidas por instrumentos estatísticos, mas, pelo contrário, analisadas a partir da interação com as pesquisas para interpretar “os significados dos fenômenos vivenciados pelos indivíduos através da análise de suas descrições” (Lakatos, 2013 p. 19). Para a presente investigação, assumimos uma abordagem qualitativa dentro do objetivo estabelecido, a vertente qualitativa trabalha, preferencialmente, no contexto da descoberta, buscando preencher lacunas do conhecimento.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O tema da socialização de alunos com autismo no Ensino Superior tem sido objeto de estudo por diversos autores, Alves (2005); Díez-Cuervo (2005); Camargo e Boza (2009); García-Peñas (2013), American Psychiatric Association (2013), Ynerarity (2018), conforme resultados dos autores consultados obtêm-se os seguintes resultados.

Desde o nascimento as relações interpessoais como o amor e simpatia pelas pessoas mais próximas começam a se formar. Nas crianças com autismo, embora sejam reconhecidas habilidades especiais como uma percepção visual primorosa focada nos detalhes, que lhes permite montar quebra-cabeças de forma vertiginosa e uma linguagem ecológica, capaz de reproduzir frases, anúncios e até músicas, entre outros; São evidentes as dificuldades de comunicação, interação social e realização de atividades recreativas e lúdicas.

Nesse sentido Ynerarity et al., (2023) afirma que, a educação brasileira surge sob o signo do direito, da igualdade e da justiça, na sua dimensão de projeto jurídico e político, bem como na sua realidade histórica. O que impõe uma atenção adequada e eficiente às pessoas com deficiência como prioridades da política educacional e social que implica a elevação da qualidade de vida e a equalização de oportunidades.

A nossa política educativa, em resposta às exigências contemporâneas, exige a formação integral de cidadãos que possam participar criativamente no progresso social, baseado no pleno desenvolvimento favorecido pela atenção individualizada, onde a linguagem não só se coloca como elemento essencial na socialização com o meio, mas também como ferramenta indispensável na aquisição e aplicação a novas situações, dos conhecimentos alcançados em cada nível de ensino.

Nessa empreitada, conhecer as características, manifestações e formas de cuidar deles tornam-se elementos de grande valia para os professores responsáveis pelo cuidado desses alunos com Autismo. Estudos desenvolvidos por diferentes pesquisadores sobre o tema expressaram critérios diferentes

Segundo a American Psychiatric Association (2013). O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) envolve um conjunto de transtornos neu-rodesenvolvimentais de causas orgânicas, caracterizado por dificuldades de interação e comunicação que podem vir associadas a alterações sensoriais, comportamentos estereotipados e/ou interesses restritos. Sua manifestação é muito diversa e seus sinais, embora comumente presentes na infância, podem surgir somente quando as demandas sociais extrapolarem os limites de suas capacidades. American Psychiatric Association, (2013).

Por sua vez, García-Peñas *et al.* (2012) afirma que:

[...] Os transtornos do espectro do autismo (TEA) são reconhecidos hoje como um conjunto de transtornos do neurodesenvolvimento com múltiplas expressões clínicas relacionadas, como dificuldades em: interação social recíproca, linguagem, comunicação verbal e não verbal; e a presença de padrões de comportamento repetitivos, restritivos e estereotipados [...] ... (García-Peñas et al., p. 8, 2012).

Os aspectos abordados em sua definição por García-Peñas *et al.* (2012) e American Psychiatric Association (2013), são de grande valor, pois descrevem os Transtornos do Espectro do Autismo como um distúrbio que deriva do Sistema Nervoso Central e afeta quem sofre dele e das pessoas do seu ambiente, principalmente na sua interação social e, portanto, na sua comunicação. Portanto, deve – se saber reconhecer os sintomas que aparecem para ajudar a pessoa afetada antes que seja tarde demais.

Assim, em relação à comunicação, as pessoas que possuem essa condição de vida são caracterizadas por uma linguagem verbal breve (mais de 50% dos autistas carecem completamente de linguagem verbal), dificuldades sensoriais devido a uma resposta inadequada a estímulos externos, falta de reciprocidade na comunicação. a relação social, entre outros. Geralmente aparecem entre o primeiro e o terceiro ano de vida do indivíduo e podem ser confundidos com outras deficiências ou transtornos. Ynerarity *et al.*, (2023).

Nesse sentido RHEMAEDUCACAO.(2017) afirmam que:

Uma das descrições deste transtorno, que destacamos pela clareza na sua definição, é a proposta pela International Autism Association-Europe (Barthélemy, Fuentes, Van der Gaag; Visconti; Shattock, 2000), que aponta que as pessoas com TEA. Apresentam alterações nas três áreas de desenvolvimento a seguir:

1. Alteração no desenvolvimento da interação social recíproca. Em algumas pessoas existe um isolamento social significativo, outras são passivas na sua interação social; outros, porém, são muito ativos no estabelecimento de interações, mas o fazem de forma estranha e unilateral. Todos têm em comum uma capacidade limitada de empatia e são capazes de demonstrar afeto, ainda que à sua maneira.
2. Alteração da comunicação verbal e não verbal. Algumas pessoas não desenvolvem nenhum tipo de linguagem, outras apresentam uma fluência enganosa. Todos eles carecem da capacidade de realizar um intercâmbio comunicativo recíproco. Tanto a forma como o conteúdo das suas competências linguísticas são peculiares e podem incluir ecolalia.

As reações emocionais aos pedidos verbais e não-verbais de outras pessoas são inadequadas (evitação visual). Falta de compreensão das expressões faciais, posturas corporais ou gestos, ou seja, de todos os comportamentos envolvidos no estabelecimento e regulação da interação social recíproca.

3. Repertório restrito de interesses e comportamentos. A atividade imaginativa é afetada, a grande maioria das pessoas incluídas no espectro do autismo falha no desenvolvimento de jogos de simulação ou ficção. Esta limitação dificulta a capacidade de compreender as emoções e intenções dos outros.

Os padrões de comportamento são muitas vezes ritualísticos e repetitivos, resultando em um tipo de problema comportamental: as estereotipias, ou seja, comportamentos repetitivos que ocorrem com alta frequência, possuem um padrão ou estrutura invariante e não são funcionais, sendo em alguns casos comportamentos autodirigidos. estimulante. Muitas vezes existe uma grande resistência à mudança; mudanças insignificantes podem causar profundo desconforto.

Assim, no que diz respeito à questão dos distúrbios linguísticos e de comunicação, que ocupará grande parte desta pesquisa, e de acordo com a classificação diagnóstica do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais em sua Quarta Revisão (DSM IV, 1995) e de CID 10 (1992), os critérios que definem qualitativamente esses déficits no funcionamento social e na linguagem e comunicação incluiriam as seguintes características.

- Atraso ou ausência da linguagem falada.
- Prejuízo acentuado na capacidade de iniciar ou manter uma conversa
- Uso idiossincrático de palavras ou frases.
- Falta de brincadeiras variadas e espontâneas.
- Falta de brincadeiras sociais imitativas em fases jovens de desenvolvimento.

Por sua vez, nas salas de aula da UFGD, as estratégias de socialização dos alunos com autismo incluem:

- Estar pronto para atender os alunos em qualquer sinal de dificuldade.
- Atribuir tarefas que promovam a interação com os pares.
- Planejar aulas envolventes e lúdicas com personagens ou temas que o aluno goste.
- Compreender as necessidades e preferências individuais dos alunos.

Essas estratégias visam facilitar a aprendizagem, o bem-estar e a integração social de alunos com autismo. Para uma análise mais aprofundada, seriam úteis estudos de caso específicos ou relatórios da UFGD. É por isso que os programas educacionais para alunos com autismo, seu objetivo geral deve estar focado na melhoria das habilidades necessárias à comunicação, ao comportamento acadêmico e social e às habilidades para a vida diária. Aqueles problemas comportamentais e de comunicação que interferem na aprendizagem às vezes requerem o auxílio de um profissional com conhecimento na área do autismo, que desenvolve e ajuda a implementar um plano que pode ser realizado em casa e na universidade

A influência do professor sobre os seus alunos deve visar o seu desenvolvimento integral e deve ser o resultado de um estudo e de uma preparação conscientemente concebida que abranja todas as áreas do desenvolvimento, incluindo a comunicação, onde deve tornar-se um agente de desenvolvimento de competências comunicativas. É por isso que está investigação surge da necessidade de oferecer uma resposta às deficiências que surgem no sentido do processo de estimulação do desenvolvimento da socialização em crianças com autismo na primeira infância. Neste sentido, um programa educativo para a aquisição de conhecimentos, hábitos e competências para a socialização de estudantes com autismo, em cujos fundamentos se integram elementos filosóficos, sociológicos, psicológicos e pedagógicos, pode possibilitar a inclusão e socialização desses alunos.

4 CONCLUSÃO

A relevância do estudo enfatiza a necessidade de investigar e promover a socialização de estudantes autistas na UFGD, considerando a escassez de estudos e ações voltadas para esse tema no cenário acadêmico universitário brasileiro. Além disso, ressalta-se a relevância social e educacional de favorecer a integração e o desenvolvimento pleno de estudantes autistas, contribuindo para a construção de uma universidade mais inclusiva e diversa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Z. M. M. Crianças e adolescentes: a questão da tolerância na socialização das gerações mais novas. Em Z. M. Biasoli-Alves & R. Fischman. 2017.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Autism Spectrum Disorder [Fact Sheet]. American Psychiatric Association. 2013. [cited Dec 05 2013]. Disponível em <http://www.dsm5.org/Documents/Autism%20Spectrum%20.pdf>, Acesso em: 23 d/05/2024].

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, MEC/SEESP, 2008

BUENO, J. G. Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 3, n. 5, p. 7-25, 2009.

CAMARGO & BOSA. Autismo: intervenções psicoeducacionais. *Rev Bras Psiquiatr.* 2006; 28:47-53. Acesso em: 23/05/2024.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, Acesso e Qualidade, Ed. UNESCO. 1994

DIEZ-CUERVO, A. Modelos neurobiológicos del trastorno autista. EN: *El autismo 50 años después*. M. Crespo, y cols. Ed.: Amarú, España, 2005. p. 85 – 104

GARCÍA-PÉÑAS et al. Alteraciones de la sinaptogénesis en el autismo. Implicaciones etiopatogénicas y terapéuticas. *Revista de Neurología*, 54, 41-50. España. (2012).

VIGOTSKI, L. S. *Obras Escogidas*. Madrid: Visor, 1995.

YNERARITY, O. (et al). Proyecto de Investigación Inclusión socioeducativa de personas con necesidades educativas especiales (NEE) en los contextos de escuela, familia y comunidad. Camagüey, Cuba: [s.n], 2018.

YNERARITY O (et.al). CURRÍCULO ESCOLAR: A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO ÂMBITO DA FORMAÇÃO DOCENTE – BREVES APONTAMENTOS
<https://www.editorainovar.com.br/omp/index.php/inovarcatalog/view/1314/420/2379>. 2024.

CONVENÇÃO SOBRE DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Decreto Legislativo 186, de 9 de julho de 2008; Decreto 6.949, de 25 de agosto de 2009. 2ª ed. Brasília, 2010.

LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. Eva Maria Lakatos, Marina de Andrade Marconi. 3. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Atlas, 2013.

ONU. Oficina Internacional de Educación. Conclusiones y Recomendaciones emanadas de la 48a reunión de la Conferencia Internacional de Educación. Ginebra, Suiza: UNESCO-OIE. Disponible en: <http://www.ibe.unesco.org/es/cie/48a-reunion-2008.html> [23 de mayo de 2009]

UNESCO. Informe a la UNESCO de la comisión internacional sobre la educación para el siglo XXI. La educación encierra un tesoro. Editorial Santillana/UNESCO, Madrid. Delors, J. 1996

RHEMAEDUCACAO. Estratégias para trabalhar o aluno autista em sala de aula.
<https://blog.rhemaeducacao.com.br/13-estrategias-para-trabalhar-o-aluno-autista-em-sala-de-aula/>. (2017).